



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

PERFIL DA AUTOMEDICAÇÃO EM UMA POPULAÇÃO DE IDOSOS

Autores: GABRIEL ALENCAR MOTA, LORENA AGUILAR XAVIER, EZEQUIEL CÁSSIO GUSMÃO, LANUZA BORGES OLIVEIRA, JOÃO MARCUS OLIVEIRA ANDRADE, JOÃO MARCUS OLIVEIRA ANDRADE, LUÇANDRA RAMOS ESPÍRITO SANTO

Perfil da automedicação em uma população de idosos

Introdução

Automedicação é o consumo de medicamentos sem prescrição médica, em que o paciente decide sozinho qual medicamento utilizar. Trata-se de um fenômeno potencialmente nocivo à saúde, uma vez que nenhum medicamento é inócuo ao organismo. O uso indevido de medicamentos considerados “inofensivos” pode acarretar consequências como resistência bacteriana, reações de hipersensibilidade, dependência, sangramento digestivo, sintomas de retirada, bem como podem aumentar o risco para neoplasias entre outras repercussões. Além disso, o alívio momentâneo dos sintomas pode mascarar a doença de base que passa despercebida e que pode, assim, progredir (BARROSO *et al.*, 2017).

No Brasil, onde o acesso à assistência médica ainda encontra dificuldades em ser universal, aliado a uma grande parcela da sociedade na faixa da pobreza que não tem condições financeiras para pagar pelos serviços de saúde, a prática da automedicação torna-se bastante comum. Todavia, somente o fator financeiro não é suficiente para explicar a prática da automedicação. Fatores como escolaridade, classe social, acesso às informações a respeito dos medicamentos e, inclusive, o fator cultural parecem exercer interferência nesse aspecto (SOUZA, 2008).

Associado à automedicação está o uso comum de uma farmácia doméstica representada na estocagem de medicamentos nas residências. Esse estoque doméstico apresenta vários riscos, entre eles há o problema intrínseco da facilidade de acesso à medicamentos sem orientação médica e as condições de armazenamento, que podem comprometer a eficácia do fármaco. Os medicamentos devem ser guardados em local arejado e seguro, sem exposição à luz, calor ou umidade, em sua embalagem original, identificados pelo nome comercial ou genérico e princípio ativo e com data de validade e lote, o que nem sempre ocorre (MASTROIANNI *et al.*, 2011).

Neste sentido, este estudo teve como objetivo o conhecimento acerca da automedicação e possíveis intoxicações medicamentosas em idosos. Esse grupo possui maior vulnerabilidade à automedicação, uma vez que os mesmos consomem mais medicamentos que outros grupos etários, sendo mais suscetíveis a ocorrência de iatrogenia, além de apresentarem comprometimento no metabolismo hepático e na depuração renal. Outro impulsionador dessa realidade é o modelo de saúde atual centrado no medicamento como sua principal forma de intervenção. Assim sendo, o hábito da automedicação é algo que ocorre com frequência significativa em nosso país, sendo uma prática considerada como um grave problema de saúde pública. (PEREIRA *et al.*, 2017)

Material e Métodos

O estudo foi de cunho transversal, descritivo, quantitativo, retrospectivo. Foi realizado com uma população de idosos, atendidos em uma drogaria privada na cidade de Montes Claros/ Minas Gerais/Brasil. A amostra foi composta por idosos clientes da drogaria, que aceitaram participar da pesquisa. O estudo ocorreu no período compreendido entre Agosto de 2016 a Julho de 2018. Para este estudo, foi utilizado como instrumento de coleta de dados uma entrevista com questões que abordaram dados socioeconômicos, idade, escolaridade, relação dos principais fármacos estocados, as condições de armazenamento, frequência da utilização de medicamentos. Foram realizadas 241 entrevistas com os idosos que aceitaram participar da pesquisa. A coleta de dados ocorreu de forma aleatória, em ambiente que manteve o sigilo na entrevista com o idoso, procurando deixá-lo em posição confortável de preferência sentado para responder as perguntas elencadas. As informações coletadas foram codificadas e transferidas para um banco de dados do software analítico Statistical Package for the Social Sciences - SPSS, versão 23.0, (SPSS for Windows, Chicago, EUA), através do qual foram avaliadas possíveis relações de associação entre as variáveis.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

O presente obedeceu aos princípios éticos definidos pelo Conselho Nacional de Saúde através da resolução 466/12 para realização de pesquisa em seres humanos. Todos os sujeitos abordados foram inicialmente informados quanto à identificação dos entrevistadores, os objetivos da pesquisa, da não obrigatoriedade de participação e a possibilidade de abandono a qualquer momento. Todos que participarem desse estudo assinarão o termo de consentimento livre e esclarecido. O projeto apresenta parecer favorável número 1.571.501/2016 pelo comitê de ética em pesquisa da Funorte. Tratou-se de um projeto institucionalizado, aprovado pelo Conselho de Ensino, pesquisa e Extensão- Resolução 132-CEPEX da Universidade Estadual de Montes Claros.

Resultados e Discussão

A população estudada foi composta por indivíduos de 60 a 88 anos de idade, com maior predomínio daqueles entre 60 e 66 anos que representaram 28,8% dos entrevistados e uma menor percentagem dos idosos entre 74 e 88 anos, os quais equivalem apenas 22,5% da amostra. A maioria das pessoas era do sexo feminino representando 65% do total de entrevistados. Quanto ao estado civil a maior representatividade era das pessoas casadas, o que equivaleu a 61,6% dos entrevistados e a parcela de viúvos era 28,5%. No quesito grau de instrução houve um predomínio de indivíduos com o ensino médio completo o que caracterizou 41,06% da amostra e que não trabalhavam, os quais equivalem a 81,13%, condizente com a idade avançada onde se encontram os aposentados.

Dentre os entrevistados, a maioria 278 (92,4%) respondeu que adquire medicamentos sem prescrição médica, sendo que quase a totalidade dos analisados (97,66%) faz uso de algum medicamento diariamente e apenas 3,01% relatou que alguém acompanha e monitora a dose do medicamento. Quanto ao armazenamento e descarte dos medicamentos observou-se um predomínio do armazenamento na cozinha e quarto, 42,19% e 46,84% respectivamente e o maior índice de descarte foi no lixo comum, a grande maioria 83,61% sendo que o restante referiu o vaso sanitário ou outro local para descarte dos medicamentos.

Quanto ao fato da compra de medicamentos sem prescrição médica entre os entrevistados foi observado que 92,4% recorre a essa prática, o que demonstra bem a frequência do hábito entre sujeitos idosos, na cidade de Montes Claros. Este resultado corroborado também por diversos outros estudos realizados em nosso país, como os estudos de Sá *et al.* (2007), Monteiro *et al.* (2014) e Telles Filho *et al.* (2013), que demonstraram prevalência nas porcentagens de 77,2%, 67% e 100%, respectivamente, demonstrando que este é um hábito arraigado à cultura brasileira.

Em outros estudos também foi demonstrado que a automedicação entre idosos estava majoritariamente presente entre as mulheres, com a ressalva de que as pesquisas envolviam mulheres em sua maioria. Essa tendência seria explicada por diversas questões, como: o maior autocuidado, a representação do papel de cuidadora e protetora da família, e as visitas mais frequentes às farmácias e aos serviços de saúde (TELLES FILHO *et al.*, 2013), (PEREIRA *et al.*, 2017). Em nosso estudo, constatamos este mesmo contexto, sendo que 65% das pessoas que afirmaram se automedicar eram mulheres e 35% homens.

Além disso, é relevante destacar que no presente estudo uma porcentagem ínfima (3,01%) dos entrevistados que utilizavam medicamentos diariamente relatou acompanhar e monitorar a dose dos medicamentos. Junto à conjuntura do problema, isto poderia leva-los também a, no momento da compra do fármaco sem a receita, errar a dose prescrita; ou ainda, pela falta de acompanhamento, continuar sempre comprando e utilizando os medicamentos numa mesma dose, mesmo que esteja defasada e necessite ser corrigida, como no caso de alteração da prescrição pelo médico. Cabe ressaltar a importância do profissional farmacêutico na dispensação correta dos medicamentos, a fim de orientar o uso correto dos fármacos.

Em relação ao perfil dos idosos que se automedicam nota-se um predomínio na faixa etária de 60 até 66 anos (28,8%) e menor concentração entre 66 e 69 anos (22,8%) e entre 74 e 88 anos (22,5%), porém não houve significância estatística ($p > 0,01$) evidenciando que a idade e a automedicação são independentes.

Dentre os indivíduos que relataram comprar medicamentos sem prescrição médica 28,5% são viúvos enquanto que 61,6% são casados, porém também não houve significância estatística ($p > 0,01$).



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Dentre os indivíduos que responderam que compram medicação sem prescrição médica 80,8% não possuem ensino superior com significância estatística ($p < 0,01$).

Entre os estudos, diversas são explicações levantadas para o fenômeno da automedicação, como: a baixa conscientização sobre os riscos do hábito, a dificuldade de acesso a serviços de saúde e as experiências positivas prévias com o uso dos medicamentos (MONTEIRO *et al.*, 2014). No entanto, é visto também que há influência cultural e social no contexto. Em um estudo realizado no Rio de Janeiro, os sujeitos, quando questionados quanto à justificativa da utilização dos medicamentos, apenas 10% relataram ser devido à dificuldade de acesso ao atendimento médico. As outras justificativas foram: ter o medicamento em casa (58%), facilidade para comprar (10%), indicação familiar (8%), experiência prévia positiva (8%) e não ter julgado necessária a consulta médica (6%). Entretanto, os mesmos sujeitos, quando indagados sobre qual seria a principal influência para que realizassem a automedicação, 62% referiu ser a publicidade / mídia (televisão, revistas), 36% relacionou à influência de familiares e amigos e 2% aos profissionais de saúde (não-médicos) (TELLES FILHO *et al.*, 2013). Estes dados mostram que, na gênese do problema, há de se considerar também os fatores de cunho social, e não apenas o grau de instrução e a facilidade de acesso aos serviços de saúde.

Apesar do alto índice de idosos que alegam se automedicar apenas 6,2% afirmam ter sofrido algum episódio de intoxicação e destes apenas 0,33% necessitou de internação hospitalar em decorrência do quadro. Ainda assim, o relatório do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX) de 2012 demonstra que aproximadamente 30% dos casos (27.008) de intoxicações registrados são resultado do uso de medicação sendo 826 destes relacionados à automedicação. (BARROSO *et al.*, 2017)

Quanto aos cuidados referentes à análise da validade dos medicamentos 63,2% dos indivíduos que referiram se automedicar não tem o hábito de conferir a validade dos medicamentos que faz uso com nível de significância menor que 0,01. Essa medida, além de necessária para o correto controle dos medicamentos utilizados e adquiridos, se faz ainda mais notória no contexto da utilização de medicações em longo prazo, como é o caso dessa população estudada, que acabam, portanto, por armazenar grandes quantidades de medicamentos, por longos períodos.

Com relação a qual medicamento mais comum entre as medicações usadas, os anti-hipertensivos, anti-inflamatórios e analgésicos formam as classes terapêuticas mais utilizadas. Nesse contexto, estudos nacionais e internacionais também têm demonstrado que a prática em questão estaria mais frequentemente associada à presença de sinais e sintomas de característica aguda, como dor e febre, sintomas comuns nessa fase da vida (SÁ *et al.*, 2007 e MONTEIRO *et al.*, 2014). Esses medicamentos, portanto, ganham relevância no contexto da automedicação, uma vez que, apesar de úteis, apresentam risco para esse grupo populacional, principalmente em se tratando do uso recorrente ou prolongado. Além disso, estes medicamentos possuem um significativo número de interações medicamentosas, especialmente para o grupo etário, podendo potencializar a ação de anticoagulantes orais, como o clopidogrel, e reduzir a eficácia de anti-hipertensivos como os diuréticos e os inibidores da enzima de conversão da angiotensina I (IECAs) (BATLOUNI, 2010). Os próprios analgésicos mais comuns, como a dipirona, também apresentam riscos, como o de intoxicação aguda e crônica, a depender do uso de doses descontroladas, podendo levar a taquipneia, sedação e hemossiderose em fígado e baço.

Esses medicamentos, portanto, podem predispor à maior fragilização do idoso. Não obstante, o uso regular medicamentos, seja para correção de afecções agudas ou crônicas, requer avaliação constante dos riscos à saúde, especialmente no que tange à intoxicações e interações medicamentosas. A prescrição correta deve considerar o risco e benefício das drogas escolhidas, assim como a margem de segurança descrita na literatura, principalmente nas faixas etárias da pediatria e geriatria. Atualmente, o uso irregular de medicamentos ainda é uma das principais causas de intoxicação em nosso país (ARAÚJO e GALATO, 2012). Entende-se que apesar da prática de automedicação poder ser vista por alguns indivíduos como uma forma de autocuidado, já que está relacionada a busca pela manutenção da saúde, prevenção de enfermidades e tratamento de doenças, sua aplicação por não dispor do adequado acompanhamento e orientação por profissionais habilitados culmina com maiores riscos do que benefícios aos praticantes. (PEREIRA *et al.*, 2017)



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Conclusão

Apesar de ser um risco comprovado à saúde, a automedicação ainda permanece como uma prática rotineira pela maioria dos idosos. O uso regular de medicamentos requer avaliação constante dos riscos à saúde, especialmente no que tange às intoxicações, doenças secundárias e interações medicamentosas. A atenção na prescrição e dispensação de medicamentos é algo relevante para a saúde pública, e em particular para os idosos, devido à maior utilização de medicamentos por esses indivíduos e, por este grupo representar parcela considerável da população, uma vez que tem aumentado a expectativa de vida da população brasileira. Diante da importância do tema, esse estudo vem descrever acerca do perfil de uma população de idosos que tem um hábito de se automedicarem. Os resultados apresentados apontam para a necessidade da promoção do uso racional de medicamentos neste segmento populacional, contemplando a promoção de saúde e prevenção de intoxicações nos estabelecimentos privados e públicos, a fim de reduzir a morbimortalidade pelo uso incorreto dos medicamentos.

Agradecimentos

À Fapemig e Unimontes pelo incentivo à iniciação científica (PROINIC), tanto à concessão de bolsas, quanto ao programa voluntário.

Referências

- BARROSO R, TELLES Filho PCP, PINHEIRO MLP et al. Automedicação em Idosos de Estratégias de Saúde da Família, Rev enferm UFPE on line, 2017; 11(2):890-7.
- BATLOUNI M. Anti-inflamatórios não esteroides: Efeitos cardiovasculares, cérebro-vasculares e renais. Arquivos Brasileiros de Cardiologia, 2010; 94(4): 556-563.
- BILA DM, DEZOTTI M. Fármacos no meio ambiente. Química Nova, 2003; 26(4): 523-530.
- BORGES RM, MINILLO A, LEMOS EGM et al. Uso de filtros de carvão ativado granular associado a microrganismos para remoção de fármacos no tratamento de água de abastecimento. Revista Engenharia Sanitária e Ambiental, 2016; 21: 1-13.
- FREITAS K. Prevalência de Automedicação na população do município de Fraiburgo (SC). Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde, 2012; 1(1): 38-58.
- PEREIRA FGF, ARAÚJO MJP, PEREIRA CR et al. Automedicação em Idosos Ativos, , Rev enferm UFPE on line, 2017; 11(12):4919-28
- SÁ MB, BARROS JAC, SÁ MPBO. Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro-PE. Revista Brasileira de Epidemiologia, 2007; 10(1): 75-85.
- SOUZA HWO, SILVA JL, NETO MS. A importância do profissional farmacêutico no combate à automedicação no Brasil. Revista Eletrônica de Farmácia, 2008; 5(1): 67-72.
- TELES FILHO PCP, ALMEIDA AGP, PINHEIRO, MLP. Automedicação em idosos: Um problema de Saúde Pública. Revista Enfermagem, 2013; 21(2): 97-201.